

BREVE RELATO HISTÓRICO

Muito se discute a origem do teatro grego e, conseqüentemente, das tragédias. [Aristóteles](#), em sua *Poética*, apresenta três versões para o surgimento da tragédia. A primeira versão argumenta que a tragédia, e o teatro, nasceram das celebrações e ritos a Dionísio, o deus campestre do vinho. Em tais festividades, as pessoas bebiam vinho até ficarem embriagadas, o que lhes permitia entrar em contato com o deus homenageado. Homens fantasiados de bodes (em grego, *tragos*) encenavam o mito de Dionísio e da dádiva dada por ele à humanidade: o vinho. Esta é a concepção mais aceita atualmente, pois explica o significado de tragédia com o bode, presente nas celebrações dionisíacas.

A segunda versão relaciona o teatro com os *Mistérios de Eleusis*, uma encenação anual do ciclo da vida, isto é, do nascimento, crescimento e morte. A semente era o ponto principal dos mistérios, pois a morte da semente representava o nascimento da árvore, que por sua vez traria novas sementes. A dramatização dos mistérios permitiria o desenvolvimento do teatro grego e da tragédia.

A terceira concepção para o nascimento da tragédia, e a aceita por Aristóteles, é de que o teatro nasceu como homenagem ao [herói dório Adrausto](#), que permitiu o domínio dos Dórios sobre os demais povos indo-europeus que habitavam a península. O teatro seria a dramatização pública da saga de Adrausto e seu triste fim.

A análise das obras dos principais autores trágicos, [Ésquilo](#), [Sófocles](#) e [Eurípedes](#), como empreendida por Albin Lesky (*A tragédia grega*) e Junito Brandão (*Teatro Grego: origem e evolução*), nos conduz a um denominador comum da tragédia: o *métron* de cada um. Parte da concepção grega do [equilíbrio](#), [harmonia](#) e [simetria](#) e defende que cada pessoa tem um *métron*, uma medida ideal. Quando alguém ultrapassava seu *métron*, seja acima ou abaixo dele, estaria tentando se equiparar aos deuses e receberia por parte deles a "cegueira da razão". Uma vez cego, esse alguém acabaria por vencer sua medida inúmeras vezes até que caísse em si, prestes a conhecer um destino do qual não pudesse escapar.¹

¹ A tragédia seria assim uma popularização do "mito de Procrusto". Este convidava os viajantes a se hospedarem em sua casa, mas tinha uma cama muito grande e outra cama minúscula. Durante a noite, Procrusto procurava adequar o viajante à cama inversa ao tamanho do hospede, serrando os pés dos que optavam pela cama pequena ou esticando os que escolhessem a cama grande. O objetivo de Procrusto era colocar cada um na sua medida, ou melhor, no seu *métron*. Leia sinopse na sala de aula virtual em Educação Cognitiva – Epistemologia.

Como ensinou Aristóteles, a tragédia não era vista com pessimismo pelos gregos e sim como educativa. Tinha a função de ensinar as pessoas a buscar a sua medida ideal, não pendendo para nenhum dos extremos de sua própria personalidade. Para o filósofo de [Estagira](#), entretanto, a função principal da tragédia era a [catarse](#), descrita por ele como o processo de reconhecer a si mesmo como num espelho e ao mesmo tempo se afastar do reflexo, como que "observando a sua vida" de fora. Tal processo permitiria que as pessoas lidassem com problemas não resolvidos e refletissem no seu dia-a-dia, exteriorizando suas emoções e internalizando pensamentos racionais. A reflexão oriunda da *catarse* permitiria o crescimento do indivíduo que conhecia seu os limites de seu *métron*. A *catarse* ocorreria quando o herói passasse da felicidade para a infelicidade por "errar o alvo", saindo da sua medida ideal.

A questão da "medida de cada um" é recorrente na obra dos trágicos, mas trabalhada de forma diferente de acordo com a concepção de destino. O objetivo de Ésquilo era homenagear [Zeus](#) como principal deidade, prevendo o destino de cada um. Quando alguém tentava fugir de seu destino, por sair de seu *métron*, acabava cumprindo o destino escrito por Zeus. Basta ler a *Oréstia* para perceber a visão de destino e o papel de Zeus.

Sófocles, por sua vez, escreveu verdadeiras odes à [democracia](#), pregando abertamente que somente ela poderia aproximar os homens dos deuses. Aquele que não respeitava a democracia (representada pelo coro), procurava se auto-governar e fugir de seu destino terrível, teria como resultado final aquele mesmo destino que destemidamente lutava contra. Para ele, o homem só encontraria sua medida na vida pública, atuando na [pólis](#), por intermédio da democracia ateniense. Isso fica muito claro em *Antígone* (na oposição entre lei humana e lei divina, mostrando que a lei humana emanada pela democracia, ou coro se aproximava da lei dos deuses) e em *Electra*.

Em compensação, Eurípedes dizia que o coração feminino era um abismo que podia ser preenchido com o poder do [amor](#) ou o poder do [ódio](#). É visto por muitos como o primeiro [psicólogo](#), pois se dedicava ao estudo das emoções na alma humana, principalmente nas mulheres. Aristóteles o chamou de o "maior dos trágicos", porque suas obras conduziam a uma reflexão - *catarse* - que os demais trágicos não conseguiam. Numa sociedade patriarcal e machista, Eurípedes enfatizava a mulher e como ela poderia fazer grandes coisas quando apaixonada ou tomada de ódio. Defendia que o amor e o ódio eram os responsáveis pelo afastamento da medida de cada um. Podemos destacar *Medéia* e *Ifigênia em Áulis* como duas peças de Eurípedes nas quais os sentimentos e emoções são levados à flor da pele.